

Percepção das pessoas sobre o bem-estar dos equinos

Bruna Silvestre Veloso¹, Laya Kannan Silva Alves², Erica Beatriz Schultz³, Gustavo Roberto Dias Rodrigues^{4*}, Natascha Almeida Marques da Silva⁵, Camila Raineri⁶

DOI: <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2023.45347>

Resumo

Objetivou-se demonstrar a percepção do bem-estar de equinos por pessoas com diferentes relacionamentos com estes animais. Foi realizado a aplicação de um questionário em plataforma online com divulgação por vias eletrônicas. O questionário continha 15 questões de múltipla escolha cujo tema abordado foi bem-estar associado a dor, estereotípias, cascos, interação social, alojamento e escore de condição corporal de equinos. Foram obtidas 319 respostas. A análise estatística foi realizada através do teste qui-quadrado de Pearson considerando 5% de significância. Os fatores significativos foram o nível de sensibilidade à dor dos cavalos ($P=0,0047$), dor causada por equipamentos ($P=0,0045$), estereotípias ($P=0,0231$), percepção de casco com crescimento excessivo ($P=0,0001$), percepção de casco com crescimento normal ($P=0,0416$), fatores influenciados pelo crescimento excessivo dos cascos ($P=0,0673$), interação social ($P=0,0001$), qualidade do alojamento ($P=0,0001$), dimensionamento de baia ($P=0,0002$) e aspectos que influenciam o escore de condição corporal ($P=0,0529$). Já as questões relacionadas à capacidade dos cavalos de sentir dor ($P=0,8346$), importância da interação social ($P=0,4507$), opção ideal de interação social ($P=0,1320$) e escore de condição corporal ($P=0,2750$), não foram significativos. O tipo de relacionamento das pessoas com os cavalos interfere na percepção sobre o bem-estar animal. As pessoas que possuem algum tipo de relação direta com cavalos são mais conscientes dos aspectos básicos de bem-estar em relação àquelas que não tem relação direta com cavalos.

Palavras-chave: Cavalo. Comportamento. Instalações. Manejo.

People's perceptions of equine welfare

Abstract

The objective was to demonstrate the perception of the welfare of horses by people with different relationships with these animals. A questionnaire was carried out on in an online platform with electronic dissemination. The questionnaire contained 15 multiple choice questions whose theme was welfare associated with pain, stereotypes, hooves, social interaction, accommodation and body condition score of horses. A total of 319 responses to the questionnaire were obtained. A statistical analysis was performed using Pearson's chi-square test considering 5% significance. The responses were statistically influenced by the type of relationship with the animals on: level of sensitivity to pain in horses ($P = 0.0047$), pain caused by harness ($P = 0.0045$), stereotypes ($P = 0.0231$), perception of hoof with excessive growth ($P = 0.0001$), perception of hoof with normal growth ($P = 0.0416$), factors influenced by excessive

¹Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de Medicina Veterinária. Uberlândia, MG, Brasil.
<https://orcid.org/0000-0003-4911-014X>

²Universidade de São Paulo, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia. Pirassununga, SP Brasil.
<https://orcid.org/0000-0002-9534-6121>

³Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil.
<https://orcid.org/0000-0003-1916-2117>

⁴Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de Medicina Veterinária. Uberlândia, MG, Brasil.
<https://orcid.org/0000-0001-9438-3724>

⁵Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de Medicina Veterinária. Uberlândia, MG, Brasil.
<https://orcid.org/0000-0003-2318-1791>

⁶Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de Medicina Veterinária. Uberlândia, MG, Brasil.
<https://orcid.org/0000-0002-6398-5033>

*Autor para correspondência: grdrodrigues@outlook.com

Recebido para publicação em 18 de março de 2023. Aceito para publicação em 23 de maio de 2023.
e-ISSN: 2447-6218



Caderno de Ciências Agrárias está licenciado
com uma **Licença Creative Commons**
Atribuição - Não Comercial 4.0 Internacional

hoof growth ($P = 0.0673$), social interaction ($P = 0,0001$), quality of accommodation ($P = 0.0001$), dimensioning of stall ($P = 0.0002$) and aspects that influence the body condition score ($P = 0.0529$). The scores for questions related to the horse's ability to feel pain ($P = 0.8346$), the importance of social interaction ($P = 0.4507$), the ideal option for social interaction ($P = 0.1320$) and body condition score ($P = 0.2750$) were not significant. The type of relationship between people and horses interferes with their perception of animal welfare. People who have some kind of direct relationship with horses are more aware of the basic aspects of welfare than those who have no direct relationship with horses.

Keywords: Behavior. Handling. Horse. Housing.

Introdução

Desde a sua domesticação, os cavalos são usados para diversos propósitos como o militar, agrícola, até fins esportivos ou recreativos. Com o papel do cavalo na sociedade, a preocupação não só com desempenho nas atividades, mas também com os cuidados e as condições ambientais em que são submetidos têm aumentado (Mellor e Beausoleil, 2017). Pesquisadores, produtores, técnicos e responsáveis relatam que problemas de bem-estar, como as estereotipias, podem ser reduzidas e/ou evitadas melhorando o conhecimento biológico e comportamental de todos os entusiastas e envolvidos nas atividades com os cavalos (Visser e Wijk-Jansen, 2012). Para tanto é necessário explorar e obter mais informações sobre o perfil e o conhecimento destas pessoas. De acordo com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA, 2016) é obrigatório que os manejadores de cavalos entendam sobre comportamento e busquem conhecer o modo de vida desses animais proporcionando um melhor relacionamento, respeitando suas características naturais e necessidades de sobrevivência.

Como o bem-estar é uma ciência tão complexa e multifatorial, diversos desafios são encontrados para sua mensuração. Para equinos, diversos protocolos para avaliação de bem-estar foram desenvolvidos. O protocolo da AWIN (Animal Welfare Indicators) (AWIN, 2015) tornou-se uma ferramenta viável, confiável e válida para avaliar o bem-estar dos cavalos. Outro exemplo é a ferramenta padronizada de avaliação de bem-estar em equinos (SEBWAT) de Sommerville et al. (2018), utilizada para identificar e avaliar o nível de bem-estar dos cavalos pelo manejo alimentar, instalações, cuidados sanitários e comportamento.

Até o momento da elaboração desse trabalho, não foram encontrados estudos na literatura que avaliassem a percepção de diferentes grupos de pessoas acerca do bem-estar de equinos no Brasil. Sendo assim, objetivou-se aprofundar o conhecimento a respeito da percepção de bem-estar de equinos por pessoas com diferentes relacionamentos com estes animais, de forma a contribuir para avanços na compreensão de como as diferentes relações homem-animal influenciam na percepção do bem-estar de equinos

Material e Métodos

Elaboração dos questionários

A pesquisa investigou a percepção de pessoas com diferentes relações com equinos, sendo: i) proprietários com foco em lazer, ii) proprietários competidores, iii) competidores não proprietários, iv) profissionais da área (médicos veterinários, zootecnistas e afins), v) treinadores e vi) pessoas sem contato direto com cavalos, a respeito de aspectos do bem-estar desta espécie.

O trabalho foi executado em quatro etapas, sendo a primeira o levantamento de estabelecimentos, associações e entidades que reúnam e/ou tenham contatos com estas pessoas, e a segunda o contato com estas organizações e convite para participação na pesquisa. A terceira etapa consistiu na elaboração de um questionário em plataforma online, e sua divulgação por vias eletrônicas para os participantes. Por fim, no quarto passo foi realizada a análise e interpretação quantitativa e qualitativa dos dados obtidos.

O questionário foi elaborado na plataforma *GoogleDocs* contendo 15 questões fechadas abordando o tema de bem-estar associado a dor, estereotipias, casco, interação social, alojamento e escore de condição corporal. A aplicação do questionário foi realizada por meio digital, com divulgação da ferramenta por meios eletrônicos. O questionário foi enviado a associações de criadores de equinos, associações de médicos veterinários de equinos, associação de provas equestres e associações de raças específicas, graduandos e professores dos cursos de medicina veterinária e zootecnia, profissionais das áreas e pessoas em geral de todo o Brasil. Foram contabilizados 319 respondentes.

Análise estatística

A análise foi realizada por meio de teste qui-quadrado (χ^2) de Pearson. Foi avaliada por teste de independência a hipótese de que o tipo de relação com cavalos (i) proprietários com foco em lazer, ii) proprietários competidores, iii) competidores não proprietários, iv) profissionais da área (médicos veterinários, zootecnistas e afins), v) treinadores e vi) pessoas sem contato direto com cavalos) afeta a percepção das pessoas sobre aspectos básicos do bem-estar de equinos.

O teste foi expresso em tabelas de contingência e considerou-se o nível de significância até 10% para os resultados. A análise foi realizada por meio do procedimento FREQ do software SAS System® (SAS INSTITUTE INC, 2005).

Resultados e discussão

A seguir são apresentados os resultados da pesquisa, abordando a percepção de diferentes grupos de

pessoas: Proprietário lazer (PL), proprietário competidor (PC), competidor não proprietário (CNP), profissional (P), treinador (T) e sem relação direta (SR), sobre os aspectos apresentados. As questões levantadas verificaram se os participantes acreditam que cavalos possuem capacidade de sentir dor, qual seu nível de sensibilidade à dor e se arreios e outros equipamentos podem causar dor aos animais (Tabela 01).

Tabela 01 – Percepção de aspectos relacionados à dor por grupos de pessoas com diferentes relações com equinos

Cavalos tem capacidade de sentir dor?						
Respostas	PL	PC	CNP	P	T	SR
Sim	62 (100%)	22 (100%)	6 (100%)	124 (100%)	2 (100%)	102 (99,03%)
Não	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Não sei	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (0,97%)
P-valor = 0,8346						
Qual o nível de sensibilidade dos cavalos à dor?						
< humanos	19 (30,65%)	4 (18,18%)	2 (33,33%)	33 (26,61%)	0 (0%)	22 (21,36%)
= humanos	23 (37,10%)	6 (27,27%)	0 (0%)	47 (37,90%)	0 (0%)	56 (54,37%)
> humanos	15 (24,19%)	12 (54,55%)	4 (66,67%)	41 (33,06%)	2 (100%)	19 (18,45%)
Não possui	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Não sei	5 (8,06%)	0 (0%)	0 (0%)	3 (2,42%)	0 (0%)	6 (5,83%)
P-valor = 0,0047						
Arreios podem causar dor ao animal?						
Sim	50 (80,65%)	18 (81,82%)	5 (83,33%)	112 (90,32%)	2 (100%)	86 (83,50%)
Não	11 (17,74%)	4 (18,18%)	1 (16,67%)	10 (8,06%)	0 (0%)	5 (4,85%)
Não sei	1 (1,61%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (1,16%)	0 (0%)	12 (11,65%)
P-valor = 0,0045						

PL: Proprietário lazer; PC: Proprietário competidor; CNP: Competidor não proprietário; P: Profissional; T: Treinador; SR: Sem relação direta.

As respostas sobre a capacidade de sentir dor não foram significativas em relação aos grupos de respondentes ($P > 0,05$) (Tabela 1). No entanto, as questões sobre o uso de equipamentos como sela e arreios foram influenciadas pelo tipo de relação com os animais ($P < 0,05$) (Tabela 1).

A dor é uma qualidade sensorial de alerta para que os indivíduos percebam a ocorrência de dano tecidual e estabeleçam mecanismos de defesa ou de fuga. A evidência de que os animais sentem dor se confirma pelo fato que estes evitam ou tentam escapar de um estímulo doloroso e quando apresentam limitação de capacidade física pela presença da dor, esta é eliminada ou melhorada com o uso de analgésicos (Luna; Vásquez, 2018).

Avaliar a capacidade de sentir dor é inerente a empatia e a interação animal – humano logo não houve diferença entre aos grupos avaliados. Luna e Vásquez (2018) demonstrou que os proprietários acreditam que o cavalo tem a capacidade de sentir dor, porém, no mesmo trabalho foi visto que há dificuldade em determinar qual a escala, como demonstrado nos grupos de proprietários para lazer e sem relação direta com os cavalos. Isto pois, a dor contém além dos componentes discriminativos sensoriais, também um componente emocional, isto dificulta a avaliação objetiva em animais, tornando-se em uma experiência subjetiva (Taylor et al., 2002).

O aspecto da sensibilidade à dor dos cavalos foi o que apresentou maior divergência entre as respostas

apresentadas. Apenas os grupos de proprietários competidores, competidores não proprietários e treinadores apresentaram a maior porcentagem em relação à resposta correta onde os cavalos têm maior sensibilidade à dor comparado a humanos. Os equinos têm a pele mais sensível que a de humanos adultos e apresentam um baixo limiar à dor, quando comparado com várias outras espécies (MAPA, 2016). Estes resultados mostram que muitas pessoas que possuem contato com cavalos e até profissionais, que tratam desse aspecto, não possuem clareza sobre o nível de sensibilidade à dor destes animais.

Em todos os grupos houve predominância de pessoas que acreditam que equipamentos como sele e arreios podem causar dor aos animais (Tabela 1). Esta

resposta chama atenção em relação ao que é reportado por Luna e Tadich (2019) o aumento da capacidade dos proprietários de identificar condições dolorosas em seus animais pode ser um fator importante na determinação do estado de bem-estar dos animais e, portanto, afetar a maneira como os equinos são tratados e cuidados.

Sobre o significado das estereotípias foi observada influência do grupo de pessoas em relação a percepção ($P < 0,05$) (Tabela 2). A maioria dos respondentes identificou que morder madeira, dançar na baía, engolir ar e andar em círculos são sinais de estresse intenso, sendo o grupo de pessoas sem relação direta com cavalos o grupo que obteve maior diferença de porcentagens nas respostas (Tabela 2).

Tabela 02 – Percepção de estereotípias por grupos de pessoas com diferentes relações com equinos

Resposta	PL	PC	CNP	P	T	SR
Comportamento natural	0(0%)	0(0%)	0(0%)	2(1,61%)	0(0%)	3(2,91%)
Estresse moderado	10(16,13%)	4(18,18%)	0(0%)	25(20,16%)	0(0%)	23(22,33%)
Sinal de doença	3(4,84%)	0(0%)	0(0%)	3(2,42%)	0(0%)	5(4,85%)
Estresse intenso	47(75,81%)	18(81,82%)	6(100%)	93(75%)	2(100%)	55(53,40%)
Sinal de alegria	1(1,61%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	2(1,94%)
Não sei	1(1,61%)	0(0%)	0(0%)	1(0,81%)	0(0%)	15(14,56%)

P-valor = 0,0231

PL: Proprietário lazer; PC: Proprietário competidor; CNP: Competidor não proprietário; P: Profissional; T: Treinador; SR: Sem relação direta.

Estereotípias são comportamentos anormais, invariáveis e repetitivos sem função, considerados potenciais indicadores de distúrbios fisiológicos com consequente redução do bem-estar do equino (Sommerville et al., 2018). Comportamentos de morder madeira, aerofagia com e sem apoio, fazer movimentos de balanço, dentre outros, são exemplos de sequência de movimentos repetidos com pequena variação na forma e identificação confirmando essa patologia, os estereótipos são tão óbvios que um observador pode reconhecê-los facilmente (Broom e Kennedy, 1993).

Os valores que chamam a atenção são de proprietários de lazer, competidores e profissionais que não souberam identificar estes sinais de estresse intenso nos cavalos (Tabela 2). Isto pois, pode prejudicar a qualidade de vida desses animais, visto que estes são os responsáveis pela saúde dos equinos.

A estereotípias é considerada como um indicador de deficiências ambientais e há fortes evidências que existe relação entre cavalos estabulados, fatores de manejo, baixa alimentação de forragem, tempo de alimentação curto, isolamento social, falta de exercício e o desenvolvimento do comportamento estereotipado. Uma vez desenvolvidos, os estereótipos geralmente persistem para o resto da vida do cavalo como descrito em revisão sobre o tema de Visser e Wijk-Jansen (2012).

Foram apresentadas duas fotos para os participantes, a primeira apresentava um casco com crescimento excessivo e outra um casco com crescimento normal, sem explicação do que cada uma significava como recomendado por AWIN (2015). A partir destas fotos, os participantes deveriam interpretar se a situação era desejável, indesejável ou se não sabia e identificar quais dos fatores apresentados poderiam ser influenciados devido ao crescimento excessivo do casco.

Houve influência do grupo de pessoas em relação a percepção sobre a saúde dos cascos ($P < 0,05$) (Tabela 3). A maioria dos respondentes identificou que a primeira imagem com o casco com crescimento excessivo não era desejável, sendo o grupo sem relação direta com cavalos o que obteve maior divergência nas respostas apresentadas. Os participantes identificaram também que a segunda imagem que apresentava um casco com crescimento normal era desejável, sendo o grupo de competidor não proprietário o que apresentou menor porcentagem em relação a resposta certa (Tabela 3).

Os cascos são uma estrutura fundamental para os cavalos pois desempenham papel crucial na produtividade e rendimento do animal. O seu crescimento é contínuo ao longo de toda a vida do animal, e os equinos devem exibir aparelho locomotor equilibrado para que possam desempenhar as atividades a que são submetidos, sem

que haja prejuízo estrutural e/ou funcional (Yuging He et al., 2019). Cascos negligenciados possuem crescimento excessivo, são raramente aparados ou aparados

incorretamente e podem ser dolorosos para os cavalos (AWIN, 2015).

Tabela 03 – Percepção de aspectos relacionados à saúde dos cascos por grupos de pessoas com diferentes relações com equinos

Casco com crescimento excessivo						
Respostas	PL	PC	CNP	P	T	SR
Desejável	2(3,23%)	0(0%)	0(0%)	1(0,81%)	0(0%)	6(5,83%)
Não desejável	59(95,16%)	22(100%)	6(100%)	123(99,19%)	2(100%)	81(78,64%)
Não sei	1(1,61%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	16(15,53%)
P-valor = <0,0001						
Casco com crescimento normal						
Desejável	55(88,71%)	19(86,36%)	5(83,33%)	116(93,55%)	2(100%)	90(87,38%)
Não desejável	6(9,68%)	3(13,64%)	0(0%)	7(5,65%)	0(0%)	4(3,88%)
Não sei	1(1,61%)	0(0%)	1(16,67%)	1(0,81%)	0(0%)	9(8,74%)
P-valor = 0,0416						
Fatores influenciados pelo crescimento						
Desempenho	5(8,06%)	2(9,09%)	1(16,67%)	8(6,45%)	1(50%)	9(8,74%)
Dor	3(4,84%)	0(0%)	0(0%)	3(2,42%)	0(0%)	9(8,74%)
Comportamento	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(0,81%)	0(0%)	0(0%)
Estresse	1(1,61%)	0(0%)	0(0%)	2(1,61%)	0(0%)	1(0,97%)
Todos acima	52(83,87%)	20(90,91%)	5(83,33%)	109(87,90%)	1(50%)	69(66,99%)
Não influencia	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	2(1,94%)
Não sei	1 (1,61%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (0,81%)	0 (0%)	13 (12,62%)
P-valor = 0,0673						

PL: Proprietário lazer; PC: Proprietário competidor; CNP: Competidor não proprietário; P: Profissional; T: Treinador; SR: Sem relação direta.

Em relação ao crescimento excessivo, os participantes responderam em sua maioria que desempenho, dor, comportamento e estresse são influenciados por um casco em más condições. O grupo de pessoas sem relação direta com cavalos foi o que apresentou maior divergência entre as respostas apresentadas. Já o grupo de treinadores apresentou menor porcentagem em relação a resposta correta, mas entre todos os grupos é o que obteve menor número de respostas. A segunda resposta mais assinalada nesta questão foi “desempenho” e nota-se que as maiores porcentagens obtidas foram em grupos de pessoas envolvidas com competições equestres (Tabela 3). Apesar de ser um aspecto básico do bem-estar dos cavalos, esta preocupação com o desempenho dos animais reflete o que está na literatura, onde o maior foco da revisão literária a respeito dos problemas de cascos é em relação a diminuição de desempenho atlético como em Melo et al. (2006) e Yuging He et al. (2019).

Para a percepção da interação social dos equinos houve predominância de pessoas que acreditam que a interação social é extremamente importante para equinos, sendo o grupo sem relação direta com cavalos o que obteve maior divergência percentual entre as respostas apresentadas ($p < 0,05$) (Tabela 4).

Os animais conhecidos por grande parte dos grupos, possuem em sua maioria alta interação social, diferente dos animais conhecidos pelos grupos profissionais e treinadores, onde a maior parte possui baixa interação social (Tabela 4).

A maioria dos respondentes de todos os grupos identificou que o ideal seria que os animais possuíssem alta interação social. Porém 6,45% dos proprietários de lazer, 4,55% dos proprietários competidores e 6,46% dos profissionais afirmaram que a alta interação social não

é a opção ideal para esses animais, sendo que apenas 3,23% dos profissionais admitiram ter dúvida sobre esse

aspecto. As respostas foram mais divergentes no grupo sem relação direta com cavalos (Tabela 4).

Tabela 04 – Percepção de aspectos relacionados à interação social por grupos de pessoas com diferentes relações com equinos

Importância da interação social						
Respostas	PL	PC	CNP	P	R	SR
Importante	58(93,55%)	21(95,45%)	6(100%)	120(96,77%)	2(100%)	90(87,38%)
Pouco importante	2(3,23%)	1(4,55%)	0(0%)	4(3,23%)	0(0%)	4(3,88%)
Sem importância	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(0,97%)
Não sei	2(3,23%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	8(7,77%)
P-valor = 0,4507						
Como é a interação social dos cavalos conhecidos?						
Alta interação	43(69,35%)	16(72,73%)	4(66,67%)	38(30,65%)	0(0%)	17(16,50%)
Baixa interação	16(25,81%)	6(27,27%)	1(16,67%)	59(47,58%)	1(50%)	12(11,65%)
Não tem interação	1(1,61%)	0(0%)	1(16,67%)	1(10,48%)	1(50%)	3(2,91%)
Não sei	2(3,23%)	0(0%)	0(0%)	4(3,23%)	0(0%)	3(2,91%)
Não tenho contato com cavalos	0(0%)	0(0%)	0(0%)	10(8,06%)	0(0%)	68(66,02%)
P-valor = 0,0001						
Qual opção seria ideal?						
Alta interação	58(93,55%)	21(95,45%)	6(100%)	112(90,32%)	2(100%)	81(78,64%)
Baixa interação	4(6,45%)	1(4,55%)	0(0%)	7(5,65%)	0(0%)	7(6,80%)
Sem interação	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(0,81%)	0(0%)	1(0,97%)
Não sei	0(0%)	0(0%)	0(0%)	4(3,23%)	0(0%)	14(13,59%)
P-valor = 0,1320						

PL: Proprietário lazer; PC: Proprietário competidor; CNP: Competidor não proprietário; P: Profissional; T: Treinador; SR: Sem relação direta.

Um dos fatores que mais interferem na possibilidade de os animais terem interação social é o tipo de alojamento. Foram apresentadas duas fotos para os participantes, sendo que a primeira apresentava um animal alojado em uma baía sem possibilidade de interação social e a segunda apresentava um animal alojado em uma baía com possibilidade de interação social, sem explicação do que cada uma significava de acordo com método proposto pela [AWIN \(2015\)](#). A partir destas fotos os respondentes deveriam interpretar se a situação era desejável, indesejável ou se não sabia, e em seguida identificar qual seria o método ideal para dimensionar uma baía (Tabela 5).

Houve diferença estatística em todas as questões levantadas entre os grupos ($P < 0,05$) (Tabela 5). Após a domesticação dos equinos, para torná-los animais acessíveis ao trabalho, houve uma restrição no espaço disponível para estes animais. A restrição ao hábito de pastejo, a

ausência de grupos de convivência social, somados a ociosidade fizeram com que os equinos desenvolvessem comportamentos considerados anormais em decorrência do confinamento prolongado. Estereótipos são raros em equinos que não se encontram confinados e em grande parte dos casos desaparecem ou diminuem quando os animais são colocados em espaços maiores ([Broom e Kennedy, 1993](#); MAPA, 2016).

A maioria dos respondentes de todos os grupos identificou que a primeira imagem que apresentava um alojamento sem possibilidade de interação social não era desejável e que a segunda imagem que apresentava um alojamento com possibilidade de interação social era desejável, porém uma porcentagem significativa de proprietários (46,92%), competidores proprietários (16,67%) e profissionais (15,32%) apresentaram percepção incorreta sobre a primeira imagem apresentada, afirmando que o

alojamento sem possibilidade de interação social seria desejável para o animal (Tabela 5).

Tabela 05 – Percepção de aspectos relacionado à qualidade do alojamento por grupos de pessoas com diferentes relações com equinos

Alojamento sem possibilidade de interação social						
Respostas	PL	PC	CNP	P	T	SR
Desejável	15(24,19%)	5(22,73%)	1(16,67%)	19(15,32%)	0(0%)	26(25,24%)
Não desejável	44(70,97%)	17(77,27%)	5(83,33%)	96(77,42%)	2(100%)	50(48,54%)
Não sei	3(4,84%)	0(0%)	0(0%)	9(7,26%)	0(0%)	27(26,21%)
P-valor = 0,0001						
Alojamento com possibilidade de interação social						
Desejável	48(77,42%)	22(100%)	4(66,67%)	97(78,23%)	2(100%)	53(51,46%)
Não desejável	13(20,97%)	0(0%)	2(33,33%)	21(16,94%)	0(0%)	27(26,21%)
Não sei	1(1,61%)	0(0%)	0(0%)	6(4,84%)	0(0%)	23(22,33%)
P-valor = 0,0001						
Como se dimensiona uma baia?						
Tamanho do cavalo	29(46,77%)	12(54,55%)	3(50%)	83(66,94%)	1(50%)	49(47,57%)
Permanência (tempo)	17(27,42%)	4(18,18%)	2(33,33%)	30(24,19%)	0(0%)	26(25,24%)
Peso do cavalo	1(1,61%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(0,97%)
Dimensão fixa	11(17,74%)	5(22,73%)	0(0%)	7(5,65%)	1(50%)	4(3,88%)
Não sei	4(6,45%)	1(4,55%)	1(16,67%)	4(3,23%)	0(0%)	23(22,33%)
P-valor = 0,0002						

PL: Proprietário lazer; PC: Proprietário competidor; CNP: Competidor não proprietário; P: Profissional; T: Treinador; SR: Sem relação direta.

Sobre a segunda imagem, 20,97% dos proprietários, 33,33% dos competidores proprietários e 16,94% dos profissionais também apresentaram uma percepção incorreta sobre a segunda imagem, afirmando que o alojamento com possibilidade de interação social não era desejável para o animal. O grupo sem relação direta com cavalos foi o grupo que obteve maior divergência nas respostas apresentadas (Tabela 5).

Apesar da maioria dos participantes terem conhecimento de que o dimensionamento deve ser feito em relação ao tamanho do cavalo, houve grande divergência entre as respostas apresentadas por todos os grupos. Esta divergência evidencia a falta de conhecimento sobre esse aspecto básico do bem-estar do animal das pessoas que tem contato direto com cavalos, que são os responsáveis pelo bem-estar destes animais. De acordo com as respostas obtidas, 33,07% dos profissionais participantes não saberiam indicar a um proprietário como dimensionar uma baia corretamente, e conseqüentemente, identificar

se o dimensionamento da baia está correto ou não (Tabela 5).

Para avaliação da condição corporal foram apresentadas três fotos aos participantes, a primeira imagem apresentava um cavalo com escore de condição corporal excessivo, a segunda imagem apresentava um cavalo com escore de condição corporal deficiente e a terceira imagem apresentava um cavalo com um escore de condição corporal ideal, sem explicação do que cada uma significava. Esta metodologia seguiu o sistema de escore de 1 a 5 de [Carroll e Huntington \(1988\)](#), como recomendado por [AWIN \(2015\)](#), e foram colocadas imagens de animais com escores 2 (magro), 3 (ideal) e 4 (gordo). A partir dessas fotos os respondentes deveriam identificar qual escore de condição corporal era desejável e quais fatores apresentados poderiam influenciar no escore de condição corporal do animal (Tabela 6).

O escore de condição corporal é um método padronizado para avaliar a quantidade de gordura no

corpo de um cavalo. A condição corporal pode ser afetada por vários fatores, como disponibilidade de alimentos, atividades reprodutivas, clima, desempenho ou atividades

de trabalho, parasitas, problemas dentários, doenças e práticas alimentares. O escore ideal da condição corporal reflete nutrição adequada prolongada (AWIN, 2015).

Tabela 06 – Percepção do escore de condição corporal por grupos de pessoas com diferentes relações com equinos

Qual o escore de condição corporal ideal?						
Respostas	PL	PC	CNP	P	T	SR
Imagem 1 - excessivo	1(1,61%)	1(4,55%)	0(0%)	7(5,65%)	0(0%)	14(13,59%)
Imagem 2 - baixo	2(3,23%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(0,97%)
Imagem 3 - ideal	59(95,16%)	20(90,91%)	6(100%)	116(93,55%)	2(100%)	83(80,58%)
Todas as imagens	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Nenhuma imagem	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(0,97%)
Não sei	0(0%)	1(4,55%)	0(0%)	1(0,81%)	0(0%)	4(3,88%)
P-valor = 0,2750						
Influência sobre o escore de condição corporal						
Disponibilidade de alimentos	4(6,45%)	1(4,55%)	0(0%)	2(1,61%)	0(0%)	9(8,74%)
Problemas dentais	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Parasitas	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Práticas alimentares	2(3,23%)	1(4,55%)	1(16,67%)	1(0,81%)	0(0%)	1(0,97%)
Doenças	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(0,81%)	0(0%)	0(0%)
Atividades de trabalho	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Todas as opções	56(90,32%)	20(90,91%)	5(83,33%)	120(96,77%)	2(100%)	87(84,47%)
Nenhuma das opções	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Não sei	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	6(5,83%)
P-valor = 0,0529						

PL: Proprietário lazer; PC: Proprietário competidor; CNP: Competidor não proprietário; P: Profissional; T: Treinador; SR: Sem relação direta.

Não houve influência do grupo de pessoas sobre a percepção dos escores de condição corporal demonstrados nas fotos ($P > 0,05$) (Tabela 6). Houve influência do grupo de pessoas em relação à percepção dos fatores que influenciam o escore de condição corporal ($P < 0,05$) (Tabela 6).

Apesar de pequena, uma porcentagem de proprietários, competidores não proprietários, profissionais e sem relação direta com cavalos que não souberam identificar que todos esses aspectos poderiam influenciar de alguma forma no escore de condição corporal dos animais (Tabela 6). Apenas no grupo sem relação direta com cavalo obteve respostas afirmando não ter conhecimento sobre esse aspecto, evidenciando que os outros grupos realmente acreditam nas respostas assinaladas por eles.

Todas as questões abordadas pelo estudo são importantes para compreender a relação e a percepção

do contexto bem-estar animal com cavalos. De acordo com Luna e Tadichi (2019) ainda há poucos estudos e são necessárias mais investigações da associação causal entre a percepção dos humanos envolvidos na atividade com cavalos e o estado de bem-estar de seus animais, considerando outros contextos geoculturais.

Contribuição dos autores

BSV: Elaboração do questionário, coleta dos dados e elaboração do artigo. LKSA: Edição, revisão e redação do artigo. EBS: Preparação do manuscrito. GRDR: Preparação e revisão do manuscrito. NAMS: Planejamento e análise estatística do trabalho. CR: Orientação, planejamento e execução de todas as etapas do trabalho.

Conclusão

O tipo de relacionamento das pessoas com os cavalos interfere na percepção sobre o bem-estar desses animais. As pessoas que possuem algum tipo de relação direta com cavalos são mais conscientes dos aspectos

básicos de bem-estar que aquelas que não tem relação direta com cavalos. Porém na identificação da condição de dor, comportamentos e condição corporal mesmo os grupos que possuem relação direta com o cavalo **não** foi clara, não conseguindo identificar os aspectos básicos do bem-estar do cavalo.

Referências

- AWIN. 2015. Welfare assessment protocol for horses. 1:205. Doi: http://dx.doi.org/10.13130/AWIN_horses_2015.
- Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento - MAPA. 2016. Revisão do Estudo do Complexo do Agronegócio do Cavalo. Brasília: MAPA/ACS, 56p.
- Broom, D. M.; Kennedy, M. J. 1993. Stereotypies in Horses: their relevance to welfare and causation. *Equine Veterinary Education*, 5(3):151–154. Doi: <https://doi.org/10.1111/j.2042-3292.1993.tb01026.x>.
- Carroll, C. L.; Huntington P. J. 1988. Body condition scoring and weight estimation of horses. *Equine veterinary journal*, 20(1):41–45. Doi: <https://doi.org/10.1111/j.2042-3306.1988.tb01451.x>.
- Luna, D.; Vásquez J. M. Y. 2018. The relationship between working horse welfare state and their owners' empathy level and perception of equine pain. *Animal Welfare*, 27(2):115–123. Doi: <https://doi.org/10.7120/09627286.27.2.115>.
- Luna, D.; Tadich, T. A. 2019. Why should human-animal interactions be included in research of working equids' welfare?. *Animals*, 9(2):42. Doi: <https://doi.org/10.3390/ani9020042>.
- Melo, U. P.; Ferreira, C.; Santiago, R. M. F. W.; Palhares, M. S.; Maranhão, R. P. A. 2006. Equilíbrio do casco equino. *Ciência Animal Brasileira*, 7(4):389–398. Doi: <https://doi.org/10.5216/cab.v7i4.868>.
- Mellor, D. J.; Beausoleil, N. J. 2017. Equine welfare during exercise: An evaluation of breathing, breathlessness and bridles. *Animals*, 7(6):41.
- SAS INSTITUTE Inc. SAS/STAT. 2005. User's guide, version 9.1. Cary: SAS Institute.
- Sommerville, R.; Ashleigh, F. B.; Melissa, U. 2018. A standardised equine-based welfare assessment tool used for six years in low and middle income countries. *PLoS One*, 13(2):1–8. Doi: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0192354>.
- Taylor, P. M.; Pascoe, P.J.; Mama, K. R. 2002. Diagnosing and treating pain in the horse, where are we today?. *Veterinary Clinics of North America: Equine Practice*, 18:1–19. Doi: [https://doi.org/10.1016/S0749-0739\(02\)00009-3](https://doi.org/10.1016/S0749-0739(02)00009-3).
- Visser, E. K.; Van Wijk-Jansen, E. E. C. 2012. Diversity in horse enthusiasts with respect to horse welfare: An explorative study. *Journal of Veterinary Behavior*, 7:295–304. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.jveb.2011.10.007>.
- Yuging He, J. N.; Reed, S.; Hoagland, T.; Bushmich, S.; Aborn, S.; Jones, A.K.; Martin, D. 2019. The Effect of Season on Muscle Growth, Fat Deposition, Travel Patterns, and Hoof Growth of Domestic Young Horses. *Journal of Equine Veterinary Science*, 85:1–10. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.jevs.2019.102817>.